



Cátia e David, dois alunos do Colégio Pina Manique que se inspiraram na Carta dos Direitos Fundamentais da UE para pintarem os azulejos

Texto de Ana Cristina Câmara Fotografias de Luiz Carvalho

# Mural de direitos

Actuais e antigos casapianos juntaram-se para interpretar os direitos humanos. Em azulejo

Um bebé reclama, dentro da barriga materna, «Mãe, quero nascer». O desenho, ingénuo, simples, estampado num azulejo já cozido, ilustra o Artigo 2º, do «direito à vida», da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, e vai estar exposto, a partir de Janeiro, num mural de 530 azulejos e mais de 8m2, no Jardim Vasco da Gama, em Belém. O projecto é pioneiro e começou em Portugal. A ideia é dar corpo — e espaço — aos artigos da Carta, inscrevendo-os nos espaços públicos de diversas cidades. Depois de Tondela, Guimarães, Tomar e Vila Franca de Xira, os obreiros, desta vez, foram 50 alunos das áreas de Arte e Design do Colégio Pina Manique, em Lisboa, que contaram também com a ajuda de 12 antigos casapianos.

Os 54 artigos, em sete capítulos, da Carta proclamada a 7 de Dezembro de 2000, que se quer baluarte dos direitos e va-

lores europeus, foram o ponto de partida para um plano que começou em Maio de 2003. O Centro de Informação Europeia Jacques Delors, além de coordenar o projecto, dá a formação aos jovens sobre cidadania europeia e o conteúdo da Carta. A artista e arquiteta belga Françoise Schein — conhecida pela divulgação dos Direitos Humanos através da arte, e autora de um painel na estação do metropolitano do

Parque — orienta os alunos.

Françoise começou por Portugal porque «as escolas são muito abertas» e pela tradição do azulejo, que é para ela uma paixão. Contagiou facilmente os alunos do Pina Manique. Marília e Cátia ajudam a compor o friso de azulejos que pintaram (com outros dois colegas), inspiradas pelo Artigo 5º, sobre a «proibição da escravidão e do trabalho forçado». «Isto são eles na terra deles»,

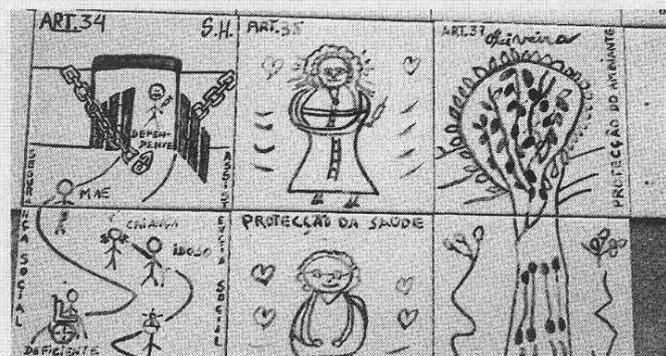
resume Marília, referindo-se aos africanos, identificáveis pelos corpinhos preenchidos a azul escuro. «No tempo da escravidão, quando estão a chegar os traficantes de escravos», completa Cátia. «Saem acorrentados, como se fossem objectos», continua. Vão para um navio, até saírem, noutra terra, para serem tratados à lei do chicote. O azulejo final mostra duas mãos que se libertam, desfazendo, em pó, a corrente que as prendia.

«Os jovens têm um desenho mais forte, voluntário. Os velhotes têm um 'refinement', têm mais saber», explica Françoise Schein, pisando a fundo cada «erre». Pela primeira vez, um grupo de 12 idosos, também da freguesia de Santa Maria de Belém (onde ficam o Colégio e o Centro Jacques Delors), participou no projecto.

Esperança Jesus desenhou uma oliveira, espriada em dois azulejos, para sintetizar o Artigo 37º, sobre «protecção do ambiente». Aos 86 anos, e depois de quase 70 a viver em Lisboa, ainda não perdeu o sotaque algarvio. «Como sou velha fiz uma oliveira velha», brinca, desculpando-se pelo que diz ser o seu «pouco jeito para o desenho».

Mesmo depois das operações aos olhos — «tenho um bocadinho falta de vista, sa-

«Os jovens têm um **desenho mais forte**. Os velhotes têm um 'refinement'», diz a artista Françoise Schein



be...» — conservou o traço delicado, mais sensível e até infantil que Françoise Schein aprecia. Para enriquecer este e futuros murais, e fazer valer os «direitos das pessoas idosas» (Artigo 25º), espera-se que a experiência se repita. Em Janeiro, a Carta vai chegar a Felgueiras. □